

## ARTIGO PARA REVISTA SEMINARIO

### A Igreja Católica e a mediação nos movimentos sociais agrários da região norte do RS – 1980-1989

Valdemar da Silva Goes  
Mestrando em História/ UPF  
Cleber Pagliochi  
Bolsista Pibic/UPF

#### Introdução

Para nosso estudo, o campo de pesquisa é a Fazenda Sarandi, centro das lutas envolvendo camponeses, latifundiários e Estado, no Rio Grande do Sul, situa-se a 350 km a noroeste de Porto Alegre, na Região Norte do Alto Uruguai.

Abordaremos o papel desenvolvido pela Igreja Católica e a CPT (Comissão Pastoral da Terra) junto aos sem-terras na Fazenda da Encruzilhada Natalino e Anonni, onde ela teve um papel importantíssimo como organizadora, também para não desistirem de pressionar as autoridades e governos na luta pela Reforma Agrária. E propondo-se a estar ao lado dos acampados, escolhendo a Cruz como símbolo e bandeira dos sem-terra.

Portanto, buscamos evidenciar a importância do papel que a Igreja Católica consegue ter entre os anos de 1980 – 1989 na liderança, organização e orientação desses acampamentos na história dos sem-terra na região norte do Rio Grande do Sul.

#### Pastoral da terra: inserção social e ação político-organizacional

No início da década de 1960, a Igreja Católica criou as CEBs (Comunidade Eclesial de Base)<sup>1</sup>, que, já em meados da década de 1970, existiam em todo o País. Também surgem os livros do Frei Leonardo Boff sobre a Teologia da Libertação. “A libertação, então, é toda “ação que visa criar espaço para a liberdade”<sup>2</sup> e ainda em seu outro livro afirma que: “Para que haja elaboração da teologia da libertação é necessário que se compreenda os fenômenos da opressão e da exclusão. Estes devem ser compreendidos através de uma mediação sócio – analítica, “Libertação é libertação do oprimido. Por isso, a teologia da libertação deve começar por se debruçar sobre as condições reais em que se encontra o oprimido de qualquer ordem que ele seja.”<sup>3</sup>

Os documentos do Concílio Vaticano II, terminado em 1965, apontavam em uma direção: o compromisso da Igreja com as causas populares. Baseadas nos princípios da Teologia da Libertação, elas se tornaram importantes espaços para os trabalhadores rurais e urbanos a se organizarem e lutarem contra as injustiças e por seus direitos. Os teólogos da libertação fazem uma releitura das Sagradas Escrituras da perspectiva dessas pessoas desfavorecidas e condenam o capitalismo, considerando-o um sistema anti-humano e anticristão.

A Igreja Católica juntamente com as paróquias das periferias das cidades e das comunidades rurais, passa a dar assistência aos camponeses durante o regime militar.

Na década de 1970 surge a CPT que esteve voltada às lutas dos posseiros do Centro-Oeste e Norte. Mais tarde, com a eclosão de conflitos pela terra em todo o país, ela se tornou uma instituição de alcance nacional.

---

<sup>1</sup> CEBs “eram grupos de pessoas que, morando no mesmo bairro ou nos mesmos povoados, se encontravam para refletir e transformar a realidade à luz da Palavra de Deus e das motivações religiosas.” Segundo o site do google, [www.pime.org.br/mundoemissao/igrejacebs.htm](http://www.pime.org.br/mundoemissao/igrejacebs.htm) pesquisado no dia 11 de junho de 2009.

<sup>2</sup> BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 87.

<sup>3</sup> BOFF, Leonardo, BOFF, Clodovis. *Como fazer teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 40.

Na busca pela terra, o Livro do Êxodo, que retrata a caminhada de um povo em busca da Terra Prometida, realça a posição do caminhar juntos e que vai ligar-se totalmente a mística da caminhada na Romaria da Terra<sup>4</sup>, sendo o suporte para os estudos e reflexões sobre a condição em que vivem os trabalhadores rurais. A CPT foi importante instrumento de desmascaramento das políticas e projetos dos militares e ela permanece sendo espaço central na organização e projeção das lutas pela conquista da terra.

Lideranças surgiram dentro da própria Igreja pra incentivar o cooperativismo, o ensino agrícola e o crédito rural nas regiões colonizadas. É importante destacar que é nesta zona de colonização que a instituição vai buscar a ampla maioria de seus quadros, fato que vai levar o grande interesse de legitimar o seu poder nestas sociedades: “Um levantamento feito junto à Diocese de Passo Fundo para apurar a proveniência do clero, são em quase sua totalidade (81,55%), filhos de colonos”<sup>5</sup>.

Então a Igreja teve um papel muito importante para os colonos, pois preparava dentre eles muitas lideranças, para liderar o próprio grupo. Podemos destacar a PJR, que realizou uma série de cursos de formação de lideranças no meio rural, organizando grupos de jovens nas comunidades, os quais procuraram despertar o jovem para a realidade social.

A orientação metodológica da CPT pautou-se no sentido de que os próprios acampados assumissem a conquista da terra como sujeitos do processo, enfrentando as negociações com o governo, com o Incra e a imprensa, nas campanhas de conscientização e nas coletas de alimentos. Eles deveriam ser os protagonistas deste processo em que faziam parte e eram atingidos com crueldade.

Segundo Marcon, “essa orientação político-metodológica foi importante tanto para os acampados, que foram perdendo o medo de falar, quanto para as entidades solidárias com o movimento, que passaram a ter um papel definido de apoio e respaldo nas negociações e nas mobilizações”<sup>6</sup>.

Como forma de assegurar um processo participativo e democrático, foram sendo organizadas comissões internas no acampamento, as quais tinham diferentes funções, de acordo com as necessidades do grupo, e eram coordenadas pelos próprios acampados. Entre as comissões, destacam-se: a de alimentação, a de higiene e saúde, a da água, a de estudos, a de canto-animação e rezas, a de segurança e recepção. Além dessas, havia uma Comissão Central que coordenava o trabalho geral e acompanhava as comissões específicas. Os problemas que surgiam, bem como a formação de novas comissões e outras questões do cotidiano eram discutidas em assembléias gerais que aconteciam diariamente, nos finais de tarde.

Nos planejamentos da CPT/RS, percebe-se que a partir de 1978, ano da primeira intervenção da Pastoral, procura-se constantemente transformar os “almoços comemorativos” que ocorriam, em espaços de reflexão sobre a situação socioeconômica

---

<sup>4</sup> Em entrevista Pe. Arnildo afirma que a:

“caminhada era como se fosse uma argamassa, a qual dava a sustentação à construção do nosso prédio. É por isso que se começavam os encontros celebrando, cantando, acabam criando músicas próprias etc. Esta mística é o condutor que vai atrair e puxar multidões. Depois nessa trajetória chegamos na Natalino, numa época de grande conservadorismo, todas as igrejas se comprometeram com a Natalino em dar assistência. Bispos tradicionais se posicionaram a favor do Natalino. Portanto, todo esse processo místico não há nada que segure, nem arrebe este organização dos colonos, mesmos aqueles membros da igreja que estavam contra esse processo acabam aderindo por causa da grande pressão desse povo oprimido.”

<sup>5</sup> BENINCÁ, E. *Conflito Religioso e Práxis: a ação política dos acampados de Encruzilhada Natalino e Fazenda Annoni e o conflito religioso*. 1987. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – PUC, São Paulo, 1987, p. 56.

<sup>6</sup> MARCON, T. *Acampamento Natalino: história da luta pela reforma agrária*. Passo Fundo/RS: Ediupf, 1997, p. 74.

dos agricultores e sobre a organização da categoria, procurando criar uma identidade positiva do camponês.<sup>7</sup>

Em 1979 começa-se as primeiras assembléias sobre o rumo dessas pessoas que estavam acampadas; e desses encontros formam as primeiras comissões que vão ter o papel fundamental de formação da direção política dos sem-terra. Agora estes líderes dos sem-terra, vão organizar os colonos acampados para pressionar as autoridades e exigir o assentamento da Macali e Brilhante.<sup>8</sup>

Segundo Gehlen, começa uma grande preocupação por uma simbologia pelos acampados na Macali: Então a Cruz passou a significar o sofrimento e conquista ao mesmo tempo. Além da adoção da cruz como símbolo, a utilização da bandeira nacional é mencionada por Gehlen, que está sempre instalada pelo grupo no primeiro dia da invasão.<sup>9</sup>

### **O surgimento do acampamento na Natalino.**

A Encruzilhada Natalino fica no entroncamento das estradas Passo Fundo, Nonoai e Ronda Alta – no entroncamento da RS-324, a qual se constituiu como o maior símbolo da luta pela terra no país, no início dos anos 80. Este localiza-se em frente à Granja Macali e próximo à Fazenda Annoni. Ali, 600 famílias de sem-terra acamparam no primeiro semestre de 1981 e resistiram pressões de toda ordem até março de 1982, quando se transferiam, acampados, para outro local.

Como muita gente havia ficado de fora do assentamento da Macali e da Brilhante, então, surge a Natalino com aqueles agricultores que não conseguiram comprar terra e aqueles que foram impedidos de entrar na Brilhante pelas forças armadas. Portanto, a partir da experiência já adquirida dos assentados e a ajuda dos mesmos, vão dar suporte a Natalino.

Foi espontânea a chegada do primeiro casal na véspera do Natal de 1980 e por coincidência o senhor se chamava Natalino e era oriundo de Nonoai. Então ele entrou e até o final do ano teve mais dois ou três barraquinhos. Foram chegando aos poucos o que nem chamava muito atenção, e, em janeiro foram entrando mais alguns, e durante os primeiros meses do ano de 1981 mais e mais gente entraram na Fazenda Natalino. Neste mesmo tempo acontece uma grande crise econômica e os pequenos agricultores acabam perdendo tudo e então com isso vão juntar-se ao acampamento, pois ainda o governo dificulta a vida dessas pessoas e até mesmo tenta convencer os colonos de assentá-los em Rio Verde, Mato Grosso. Muitos desses acabam não aceitando. E para agravar a situação a justiça proíbe a presença do Padre Arnildo Fritzen no acampamento. Mas como isso não acontece, à justiça da ordem de prisão ao Padre, então o Bispo da diocese de Passo Fundo, Dom Cláudio Colling, teve que negociar com o governador Amaral, e aí a ordem de prisão é suspensa.<sup>10</sup> Assim, em março de 1980, formou-se o acampamento Encruzilhada Natalino.

Já na 1ª Semana Santa no acampamento, foi escolhido o símbolo que melhor representava estes colonos aí acampados. O símbolo escolhido foi a Cruz e vão deixar pronto já para a sexta-feira santa de 1981. Fizeram uma procissão com aquela cruz enorme e onde refletiram sobre a paixão de Jesus Cristo. Mas, ao finalizar a reflexão tomaram a decisão de que não poderiam deixar esse símbolo no chão e então é erguida a cruz e

---

<sup>7</sup> HOFFMANN, L.S. *A Cruz e a Bandeira: ...* 1997.

<sup>8</sup> TEDESCO, J. C. e CARINI, J. J. (Org.) *Conflitos agrários no Norte Gaúcho 1980-2008*. Porto Alegre/RS: EST, 2008, p. 266-267.

<sup>9</sup> GEHLEN, I. *Uma Estratégia Camponesa...*, 1983.

<sup>10</sup> WAGNER, C. *A Saga...*, 1989.

colocada na beira da estrada para que todos que passassem soubessem que aí tinha um povo com grande sofrimento. Isso tudo foi na sexta-feira santa.<sup>11</sup> “No domingo de Páscoa refletimos novamente sobre a cruz e Jesus Cristo ressuscitado e nós? E então com essa reflexão se toma a decisão de arrancar então essa cruz e botar ela no chão para dizer que vamos sair daqui. Mas com o passar dos dias com o apoio das pessoas de fora do acampamento, acabam colocando escoras nesta cruz para simbolizar que não estavam mais sozinhos.” ( Pe. Arnildo )

Como podemos perceber, a Igreja Católica começa a dar grande sentido aos rumos da história dos acampados, pois as pessoas que fazem parte desse acampamento começam a ser assistidos pela entidade católica.

### **A cruz como símbolo e “bandeira” dos acampados**

Nas celebrações religiosas, ao redor da cruz, o sermão é dialogado, os símbolos foram se construindo como as escoras, apoios, fortalecimento do acampado. Vai se constituindo como um símbolo de marcha e caminhada desse povo a caminho da terra prometida. Tornou-se depois com o Curió [militar do Exército presente no acampamento], um local sagrado, além das escoras, ganha pano branco quando perdiam crianças e isso era para simbolizar que quando o vento mexesse esse pano, o espírito destas crianças estava junto dando força para não desanimar e fraquejar no sonho de um pedaço de chão. Com esse gesto acreditavam que assim este símbolo sempre traria a memória das pessoas ausentes que então seriam mártir para a família dos acampados.

Juntamente com os materiais de subsídio à reflexão, e dos rituais, que se constroem as representações do conflito pela terra “uma caminhada em busca da Terra Prometida”: a Cruz traz a centralidade.

Neste sentido, o símbolo possui um significado determinado, a visão das privações e da luta pela terra como a cruz a ser carregada, e da necessidade da união. No cotidiano do acampamento, é em torno da cruz, na “*Hora da Ave Maria*”<sup>12</sup>, que os acampados se reúnem para as rezas habituais e é nesse momento também que se passa um conjunto de informações. São ocasiões em que se comentam e se avaliam as repercussões do movimento na grande imprensa. Nas rezas de todos os dias são colocadas às cartas que eles recebem diariamente de todo o Brasil. É um momento muito forte que reabastece o pessoal na caminhada e dá esperança no continuar da luta. Ainda em relação às escoras, é junto a cruz que as visitas são recebidas. Isto potencializa a articulação: luta é igual a cruz, solidariedade é igual as escoras. “O ambiente da oração no momento cria um cenário indescritível, como se a Paixão de Cristo estivesse se repetindo.”<sup>13</sup>

O Acampamento Natalino por mais duro que tenha sido, acabou sendo construído todo como um altar ou santuário na luta dos sem-terras. E na linha política foi formando uma direção, foi amadurecendo com a experiência da Macali e da Brilhante. Portanto, agora começa haver uma direção política que vai melhor organizar várias coisas, tanto na área da saúde quanto na comunicação começando a ter contatos com outros companheiros de outras cidades. Então tudo isso foi amadurecendo e foi com isso atraindo muitos apoios que vinham de todos os lugares e até mesmo ajuda internacional por causa da lealdade, honestidade, mística e seriedade que era esse movimento. Acredito que foi por isso que nem a repressão conseguiu contê-los. Contudo, os sem-terra utilizam uma grande

---

<sup>11</sup> TEDESCO, J. C. e CARINI, J. J. (Org) *Conflitos a...*, 2008, p. 269.

<sup>12</sup> A “Hora da Ave Maria”, ao final da tarde, é uma prática constante na programação das emissoras de rádios do interior do Estado. Muitas destas rádios são propriedades das Paróquias.

<sup>13</sup> Jornal *Zero Hora*. Porto Alegre, 13 abr. , 1981.

variedade de símbolos, dois estão presentes de uma forma mais sistemática, e são adotados como símbolos oficiais do movimento: a cruz e a bandeira<sup>14</sup>. Posteriormente, em 1987, a bandeira é o símbolo do MST, enquanto a cruz aparece com menor intensidade.

## **A V Romaria da Terra**

Esta romaria, realizada em 1982, no acampamento da Encruzilhada Natalino, tem como objetivo de começar o processo de preparação com subsídios para a formação de grupos de reflexão, conforme a realidade, tendo sempre a reflexão com textos bíblicos.

Mas o elemento que torna a Romaria relevante é que nela se dá o anúncio da compra de uma área, pela Igreja, para o assentamento provisório, em Nova Ronda Alta, a qual possibilitará, através de uma grande campanha de arrecadação, a aquisição de 108 hectares, onde os acampados poderiam resistirem fora das pressões e da precariedade do acampamento à beira da estrada.<sup>15</sup> Nesta romaria participaram mais de 20 mil pessoas.

Retratando esse assentamento na Nova Ronda Alta nota-se uma grande experiência e prática das igrejas, de modo geral todas as dioceses do Rio Grande do Sul e também até outras dioceses de Santa Catarina através de doações e assistências de pessoas como foi a CPT, que mobilizavam muitas outras pessoas fazendo com que se formasse uma grande multidão em busca da terra prometida. O fim do assentamento da Nova Ronda Alta culminou por volta do final de 1983. Neste momento percebemos que os colonos estão bem organizados e buscam agora a mobilizar outros sem-terra da região para ocupar a Annoni.

O término do acampamento dos colonos sem-terra da Encruzilhada Natalino, em Sarandi, em 1983 é marco de uma nova visão. De um lado ficará o tempo das lutas do pessoal do MASTER<sup>16</sup> e do João Sem Terra<sup>17</sup>. Eram tempos heróicos, pois havia ídolos para conduzir à conquista da terra. Do outro lado, então os agricultores começavam a acreditar mais na organização coletiva como força de pressão política.

## **Cantos e encenações**

Segundo Caldart, a produção poética entre os sem-terra ocuparia três funções: função de animação, função pedagógica e função política. Outro aspecto fundamental para o qual a autora chama a atenção é a relação entre o racional e o emocional, ou entre os significados que são cognoscíveis e aqueles que são assimilados não apenas racionalmente. “Participando da animação da luta dos Sem-Terra, o processo produtivo da poética é então

---

<sup>14</sup> “Numa concentração do povo no Rio de Janeiro, ficou estabelecido que, daquele dia em diante, A CRUZ DE RONDA ALTA seria o símbolo da luta pela terra no Brasil inteiro, de norte a sul. Essa nossa cruz vai ser igual à estrela de S. Sepé pra todos os sem-terra do Brasil, que vai guiar pelo caminho da conquista da libertação (Boletim NRA; P. 33. In:”HOFFMANN, L.S. *A Cruz e a Bandeira:...* , 1997, p. 126.)

<sup>15</sup> HOFFMANN, L.S. *A Cruz e a Bandeira: ...*1997, p. 1008-109. Dissertação.

<sup>16</sup> O MASTER (Movimento de Agricultores Sem Terra), teve inspiração nas Ligas Camponesas. Nasceu, como germe, em Encruzilhada do Sul, com a fundação da primeira “Associação dos Agricultores Sem Terra”, em maio de 1960, sob a liderança de então Prefeito Milton Seres Rodrigues, um dos fundadores e primeiro presidente do MASTER. A motivação da primeira Associação foi a sublevação de 600 posseiros que negaram-se a cumprir ordem Judicial de despejo na Ilha de Faxinal, no mesmo município. ( GEHLEN, I. *Uma Estratégia Camponesa de Conquista da terra e o Estado; O caso da Fazenda Sarandi*. Porto alegre: UFRGS, 1983, p. 82. Dissertação.).

<sup>17</sup> Líder do Master, o qual foi preso, torturado e desapareceu da história sem deixar qualquer vestígios.

um privilegiado elo de mediação entre o emocional e o racional, entre o indivíduo e o grupo, permitindo a identidade coletiva que no Movimento se gesta seja bem mais do que discurso político internalizado”.<sup>18</sup>

Já o canto, que é a forma não-racional, simbólica, à qual têm acesso todas as pessoas, independe do seu nível de alfabetização ou erudição. O canto faz com que todo o grupo recite o mesmo discurso. A música e a melodia fazem com que o conteúdo do canto escape à simples estrutura racional, atingindo o nível do simbólico, do imaginário e até do inconsciente das pessoas. Num 2º momento, o canto é refletido pelo grupo, coordenado por um agente. O seu conteúdo passa a ser compreendido analiticamente. Na construção do discurso que surge com o simbolismo do canto, o grupo vai construindo, no imaginário, o que seria uma comunidade.

Segundo Benincá, “os cantos religiosos complementavam a reflexão dos grupos por serem populares, fáceis de serem cantados e de conteúdo teológico social bem explícito”. Estando totalmente ligados a realidade e as condições dessas pessoas. Como exemplo, o canto da Romaria da Terra:

*“Romaria da Terra/ Faz o povo reunir/ Numa luta sem guerra/ Nós lutaremos por ti!/ A terra é sagrada,/Feita por nosso Senhor./Ele fez e deu ao homem/ E também nos ensinou /Que é nela que vivemos /E a ela abençoou./ É tão linda a natureza /É obra do criador/ Deus deu a inspiração./ O homem fez a plantação/ E foi assim que começou”*<sup>19</sup>

### **Fazenda Annoni (1985-1989)**

Localizada no Norte do Estado do Rio Grande do Sul, nos municípios de Pontão e Sarandi, a Fazenda Annoni (1985) está em uma rota de luta pela terra, pois faz parte de três pontos de referência da luta, que se distanciam entre si 20 km, que são a Fazenda Sarandi (1962) e a Encruzilhada Natalino (1981), que acabaram virando símbolo deste movimento pela terra.

### **A Igreja e o apoio ao Movimento**

O acampamento é dividido em várias fases, sendo a primeira de outubro de 1985 a outubro de 1986, entre os acontecimentos neste período não podemos deixar de destacar a participação da Igreja, promovendo o incentivo para que os agricultores sem-terra não abandonassem a causa e continuassem lutando pelo seu ideal. No dia 11 de fevereiro de 1986, a CPT promoveu a IX Romaria da Terra, realizada na Fazenda Annoni, com a participação de milhares de agricultores e pessoas das cidades do Norte Gaúcho.

Este incentivo está demonstrado em jornais locais. Matérias do Jornal O Nacional de Passo Fundo, destacam como a Igreja está atuando dentro da Fazenda Annoni, mas com contradições expostas pelo presidente da Central Única de Trabalhadores no Rio Grande do Sul (da época), José Fortunati, em que diz:

“ao analisarmos a igreja devemos ter em mente que duas correntes dividem o trabalho a mesma. Lembra as colocações de Dom Claudio Colling quando ele voltou a afirmar que a propriedade privada não deve ser tocada. Tais colocações defendem o poder, os latifundiários e a própria fome do povo. De outro lado temos padres totalmente engajados pela luta do povo e temos uma igreja que hoje entende ser a melhor opção a luta pelo povo, uma igreja comprometida, o exemplo está na Annoni onde ocorreu a Romaria da Terra, e onde está instalado o acampamento dos sem-

<sup>18</sup> CALDART, R. S. *Sem Terra com Poesia*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 90.

<sup>19</sup> Folheto de cantos da Romaria da Terra, 1982.

terra com o apoio da igreja”<sup>20</sup>.

Talvez sem a ajuda religiosa, a crença e a esperança que é passada a essas pessoas, não haveria tanta persistência em continuar, ainda mais em condições precárias, passando fome e frio, enfrentando várias doenças e o descaso do governo frente a toda essa necessidade de apoio e auxílio para que tenham o mínimo de condições de subsistência.

Como ação promovida pela Igreja temos a marcha a capital do estado, na qual 250 sem-terras saíram da Fazenda Annoni no dia 27 de maio de 1986, e percorreram a seguinte rota: Pontão, Passo Fundo, Marau, região colonial de Caxias do Sul, Vale dos Sinos, passando por um total de 15 cidades e 30 comunidades do interior. Durante o trajeto chegaram a Passo Fundo na quinta-feira, 29 de maio de 1986 e mesmo com uma forte chuva e muito frio realizaram um Ato Público pela cidade, chegando até a Catedral. Em um trecho de uma reportagem feita pelo Jornal O Nacional, descreve o que os colonos e a Igreja estão sentindo neste momento:

*Lembrando as catacumbas que os antigos cristãos reuniam-se, os colonos entoaram seus cantos no interior da Catedral, iluminada por umas poucas velas e por meia dúzia de tochas que os acompanham em sua caminhada. Egon Schwaab e Marli Castro, da executiva do Movimento dos Sem Terra falaram ao grupo sobre os motivos que os levaram a situação de sacrifícios e miséria que atravessam. Com a ajuda do padre Anildo Fritzen, o bispo da diocese de Passo Fundo, dom Urbano Algayer celebrou uma missa para os camponeses, destacando a esperança por uma vida melhor, ‘que virá com a reforma agrária’, e criticando aqueles que se opõem à justiça social e a uma vida digna para os trabalhadores do campo e da cidade*<sup>21</sup>.

A determinação dos colonos em fazer com que o governo realize a Reforma Agrária é explícita neste trecho, juntamente com o apoio da Igreja Católica, que passa para os agricultores sem-terra a esperança de conquistar sua terra e trabalhar para tirar seu sustento. Infelizmente a luta é muito grande, já que o governo, seja ele Estadual ou Federal, não consegue uma solução para a Reforma Agrária no Brasil e deixa esses agricultores sem opção, somente a de protestar e reivindicar seus direitos.

No dia 06 de junho de 1986, os colonos estão no meio do caminho da caminhada realizada até Porto Alegre e fazem uma avaliação sobre o protesto. Nessa, colocam que “as manifestações dos sem terra, tem sido de otimismo quanto ao objetivo de conscientização das massas, pois à medida em que a caminhada se aproxima do final, aumenta a acolhida por parte da comunidade”<sup>22</sup>. Em todas as cidades que os colonos pararam, fizeram um Ato Público, com a celebração de missas, a presença da Igreja e da comunidade local, mostrando assim todo o apoio aos colonos da Fazenda Annoni. Enquanto isso, na Fazenda Annoni, um outro grupo organizou uma procissão até o município de Ronda Alta, no dia 12 de junho, para a realização de uma manifestação

Os colonos chegaram em Porto Alegre no dia 23 de junho de 1986. Acampados em

---

<sup>20</sup> S/título. Jornal *O Nacional*. Passo Fundo, 12 fev. 1986, p. 4.

<sup>21</sup> “Chuva e frio não impedem passeata dos Sem Terra”. Jornal *O Nacional*. Passo Fundo, 31 maio. 1986, 1ª

p.

<sup>22</sup> “Sem terra param para avaliação no meio do caminho”. Jornal *O Nacional*. Passo Fundo, 06 jun. 1986, 1ª

p.

frente a Assembléia legislativa, permanecerem durante noventa e um dias, com a esperança que o governo realizasse desapropriações de terras. Só saíram, pois não estavam mais causando pressão sobre o governo, tornando-se rotineiro este tipo de Ato Público. Assim voltam para a Fazenda Annoni com outra estratégia, a de ocupação de outras áreas. É a chamada mudança de estratégia deixando a cruz, como simbolo da religião para a bandeira, símbolo partidários .

### **O conflito continua, o apoio da Igreja também**

Depois de um ano de acampamento<sup>23</sup>, o Incra e o governo decidiram que a Fazenda Annoni seria liberada para os acampados, com fins de Reforma Agrária, mas a área da Fazenda comporta apenas duzentas famílias, sendo que no acampamento havia aproximadamente 1.500 famílias esperando para serem assentadas e o Incra não possuía terras a disposição para o assentamento. O Incra propôs que as terras da Fazenda Annoni virariam um assentamento provisório com todas as famílias, até que outras áreas fossem desapropriadas para o assentamento definitivo.

As lideranças do Acampamento, juntamente com todos os colonos acampados, reuniram-se para decidir o assunto. Enquanto isso, foi enviado um documento via os bispos D. Urbano Algaver, Bispo de Passo Fundo, Dom Jacó, de Cruz Alta e o presidente da CNBB (Conferência nacional dos Bispos do Brasil), D. Ivo Loecheider, para o Presidente José Sarney<sup>24</sup>, constando neste manifesto a situação dos colonos da Fazenda Annoni, como estavam vivendo com muita precariedade, pedindo solução ao problema e também a retirada do policimento que cerca o acampamento.

Os colonos sem-terra do Acampamento da Fazenda Annoni aceitaram a proposta de utilização coletiva e provisória da Fazenda, sendo dividida em 16 áreas, em que cada família possuiu dois hectares. Assim, o plantio era feito coletivamente e era incentivado por alguns agentes religiosos o trabalho comunitário, com ênfase na solidariedade dos integrantes, aumentando a disputa com a direção do MST, que incentivava a formação de grupos coletivos, voltado para um lado mais econômico.

Para organizar o acampamento nessas 16 áreas, foi mobilizado vários setores do governo e de entidades que sempre ajudaram os sem-terra. Marly Castro<sup>25</sup>, juntamente com os companheiros de coordenação representantes do Incra e o Padre Arnildo Fritzen, pároco de Ronda Alta comenta que,

“o povo ganha moral com o que está acontecendo pois reverte a desinformação que foi lançada sobre a opinião pública. Nós vamos mostrar na prática que, realmente, as 1.200 famílias acampadas são verdadeiros trabalhadores sem terra e pessoas que pretendem cultivar a terra com seus recursos e se for possível dali retirar o sustento de sua família e da grande população”<sup>26</sup>.

Então com a área da Fazenda Annoni dividida em grupos, houve uma descentralização do acampamento, dificultando a comunicação entre os colonos de áreas diferentes, mas resolveu os problemas de alimentação, água, saúde, educação, brigas e outros tantos. Segundo Bonavigo e Bavaresco, este acontecimento,

---

<sup>23</sup> Como já foi citado, o Acampamento iniciou no dia 29 de outubro de 1985, completando um ano, os colonos sem-terra do acampamento, ainda não haviam sido assentados.

<sup>24</sup> José Sarney governou o Brasil de 1985 a 1990.

<sup>25</sup> Representante da Coordenação dos Acampados.

<sup>26</sup> Argeu Santarém. “Começou a ocupação da Fazenda”. *Jornal O Nacional*, Passo Fundo, 28 nov. 1986, p. 3.

“somando às divergências já existentes no interior do acampamento e entre as instâncias envolvidas (MST, agentes religiosos, governo), tornou difícil a organização de novas pressões para a conquista da terra. Já cansados de se organizar, lutar, esperar e não sabendo em quem acreditar, os acampados passaram a se envolver com a produção de seu pequeno pedaço de terra”<sup>27</sup>.

Apesar disso os conflitos e ocupações de terras continuaram, mesmo com menos intensidade, já que o objetivo dos agricultores sem-terra era a conquista de terras para assentamento.

Após a divisão das 16 áreas, foram seis anos de exaustiva espera pelos acampados, será feito um breve resumo do desenrolar da história até 1993, quando os últimos sem-terra da Fazenda Annoni serão assentados definitivamente. No ano de 1987 foram realizados os primeiros assentamentos das famílias que estavam nesses 16 núcleos. Começaram a assentar 57 famílias dos denominados “afogados”, esta seria a I Fase de Assentamento, ocorrendo o assentamento de mais 212 do acampamento organizado pelo MST. Na II Fase, 25 famílias foram assentadas na Fazenda Annoni, no chamado Assentamento Holandês. Isto ocorreu por um acordo feito pelo Incra e acampados, sendo que as famílias restantes foram assentadas em fazendas em outras regiões do Estado do Rio Grande do Sul.

Muitas divergências entre os acampados começaram a acontecer, pelo critério usado na escolha das famílias, pela demora na realização de novos assentamentos, até que um grupo de assentados criou, em novembro de 1987 uma nova organização, chamada Associação Gaúcha de Reforma Agrária (Agra), tornando-se uma organização paralela ao MST. A Fase III do assentamento ocorre ainda em 1987, trinta famílias foram assentadas. Nota-se que a Igreja já não está mais tão envolvida com os acontecimentos na Fazenda Annoni, já que este Movimento, volta-se a um lado mais político.

Somente em 1989 que as 550 famílias que esperavam ser assentadas na Annoni tomam uma iniciativa e colocam pressão no governo e no Incra, para que esse problema seja solucionado e que todas tenham sua terra, mas a fazenda Annoni comportava somente 200 famílias dessas 550, gerando assim um novo impasse. E com o compromisso de que o restante das famílias pudessem permanecer na Fazenda Annoni até serem assentadas definitivamente, um acordo foi feito entre o Incra, MST e Agra, determinando que 98 famílias do Agra e 102 do MST iriam ser assentadas na Annoni.

As famílias excedentes esperaram até 1993 para o assentamento definitivo, disputando assim, de 1989 até 1993, com as famílias assentadas da Annoni um espaço para plantar, ocorrendo divergências entre si. Como 32 famílias ficaram sem assentamento, dos 20 hectares que as famílias na Annoni tinham, passaram a 15 hectares, podendo assim, ocorrer o assentamento dessas famílias, sendo esta a IV e última Fase do Assentamento.

## **Considerações finais**

Voltando para a relação da Igreja, neste que foi o início do MST no país, o acampamento da Fazenda Annoni acabou afastando a Igreja deste processo de luta, alguns fatores contribuíram para isso, sendo eles, “a consolidação do MST enquanto ator político, o momento político nacional e novas formas de análise da sociedade”<sup>28</sup>, mostrando que a luta pela terra toma um rumo diferente e passa a ver o lado mais político, deixando de lado a simbologia e o teológico.

Com isso, o MST passa a ter seu próprio programa de formação política, em que

---

<sup>27</sup> BONAVIGO E. A. e BAVARESCO P. A. *Fazenda Annoni: da ocupação ao assentamento definitivo*. In: TEDESCO, J. C; CARINI, J. J. *Conflitos a...* p.31-50, p.43.

<sup>28</sup> HOFFMANN, L. S.N. *A cruz e a bandeira...*1997, p. 168.

deixa de lado os agentes religiosos, fazendo reuniões e tomando decisões sem estes e sem outros colaboradores da causa, tornando-se mais independentes. Mas a Igreja não deixou de colaborar e de se posicionar como defensora dos sem-terra, apenas houve um afastamento desta, já que novas posições políticas e instituições estavam apoiando a causa.

O afastamento da Igreja, segundo Hoffmann, deve-se a dois fatores principais:

o êxito na construção do MST, como ator político que vai a cada período se afirmando enquanto representante legítimo dos sem-terra, e uma série de discussões abertas no interior da Pastoral. Estes fatores criaram uma situação onde o MST passa a ter que dar respostas políticas mais efetivas na luta pela terra, e a CPT fica 'imobilizada' pelas discussões, seja em torno do seu caráter e papel junto aos movimentos populares, como as disputas internas da Igreja<sup>29</sup>.

Assim vemos que, a luta pela terra se tornou mais política, modificando as suas representações. A CPT, muda seu discurso e maneira de apoiar a causa, dizendo que irá apoiar todas as decisões dos sem-terra, mas sem tomar a iniciativa de promovê-las. É visto que a Igreja se afasta das decisões, mas não da causa, seu apoio é fundamental para que os colonos sem-terra da Fazenda Annoni continuem buscando o seu pedaço de terra. E mesmo com acusações de que a Igreja incentivava o uso da violência e invasões de terras, esta não deixou de ajudar e dar apoio a estes que estavam lutando pelo seu direito de trabalhar e cultivar a sua terra. Muitas vezes a Igreja teve que se defender dessas acusações dizendo que não eram verdadeiras, mostrando apoio ao Movimento com doações e rituais celebrativos para que os acampados continuassem com esperança.

Vimos que ao pesquisarmos os colonos sem-terra na região norte do estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 1980 e 1989, temos a importante presença da Igreja Católica através da CPT como, organizadora, orientadora e motivadora para os colonos acampados. Dos anos iniciais da década de 1980 até por volta de 1985, a Igreja Católica no seu auge na vida desses acampados, que adotaram a Cruz como símbolo que melhor representava a vida debaixo das lonas no acampamento. Era a Cruz como centro ou "coração" que motivava e inspirava os colonos sem-terra a não desistirem do acampamento e assim conseguir então a terra desejada a qual buscavam.

Então a Igreja Católica foi o alicerce fundamental aos sem-terra, a qual participou juntamente durante o acampamento da Encruzilhada Natalino e também na da Annoni. Percebe-se que no decorrer dessa década de 1980 a Igreja assumiu o topo da orientação e motivação dos colonos acampados até por volta do ano de 1985 a onde já no acampamento da Fazenda Annoni a orientação deixou de estar com a Igreja Católica e vai perdendo espaços para as direções de partidos políticos. Portanto a Cruz que ligava os sem-terra a ideologia religiosa desapareceu e em seu lugar apareceu a bandeira política, como por exemplo, a do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST).

A Fazenda Annoni foi um marco para a construção do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra em 1985, a partir daí que o MST se consolidou por todo o Brasil.

Apesar de demorar mais de uma década de conflitos, entre os dois acampamentos, a Igreja não recuou e sempre esteve ao lado dessas pessoas que estavam buscando o seu direito a um pedaço de terra para trabalhar. Mas quando nota que havia formado líderes capazes de construir sua própria história dá a liberdade para que eles assumam sozinhos sua própria identidade.

---

<sup>29</sup> HOFFMANN, L. S. N. *A cruz e a bandeira...*, 1997, p.170.

## Referências Bibliográficas

### Bibliografia:

BENINCÁ, E. *Conflito Religioso e Práxis: a ação política dos acampados de Encruzilhada Natalino e Fazenda Annoni e o conflito religioso*. 1987. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – PUC, São Paulo, 1987.

BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 87.

BOFF, Leonardo, BOFF, Clodovis. *Como fazer teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 40.

CALDART, Roseli Salette. *Sem Terra com Poesia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GEHLEN, I. *Uma Estratégia Camponesa de Conquista da terra e o Estado; O caso da Fazenda Sarandi*. Porto alegre: UFRGS, 1983. Dissertação.

HOFFMANN, L.S. *A Cruz e a Bandeira: a construção do Imaginário dos Sem-Terra do RS 1981/1987*. Dissertação (Mestrado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 1997.

MARCON, Telmo. *Acampamento Natalino: História da luta pela reforma agrária*. Passo Fundo/RS: Edupf, 1997.

TEDESCO, J. C. e CARINI, J. J. (Org.) *Conflitos agrários no Norte Gaúcho 1980-2008*, vol. II. Porto Alegre/RS: EST, 2008.

WAGNER, C. *A Saga do João Sem Terra*. Petrópolis: Vozes, 1989.

### Documentos:

BOLETIM SEM TERRA: foi uma publicação iniciada como “Boletim Informativo da Campanha de solidariedade aos Agricultores Sem-Terra, sob a responsabilidade da Comissão Pastoral da Terra, Movimento de Justiça e Direitos Humanos e Pastoral Universitária”. Posteriormente, em julho de 1982, ele torna-se veículo de divulgação do emergente Movimento dos Sem-Terra dos estados do RS, SC, PR, SP e MS. Finalmente, transforma-se no Jornal dos Sem-Terra, sob a responsabilidade do MST em nível nacional.

Jornal *Zero Hora*, Porto Alegre, 1981.

Jornal *O Nacional*, Passo Fundo, RS

VOZ DA TERRA: publicação trimestral da Comissão Pastoral da Terra / Rs, tem circulação restrita aos agentes de Pastoral e lideranças do “campo dos conflitos agrários”. Sua periodicidade vai de 1979 à 1986, editando-se 28 números.